

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 31 de agosto de 1902

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## JOAQUIM SOUCASAU

Apesar de volvidos alguns annos sôbre o fallecimento d'este sympathico barcellense, que, tendo ido ao Brazil na demanda de fortuna, ahi encontrou, poucos mezes decorridos, o termo da sua existencia, o seu nome jámais deixou de ser recordado com immensa saudade, porque Joaquim Soucasau era um rapaz brioso e digno, tão trabalhador como intelligente e tão fino de maneiras, como apumado e bem posto no seu fato, sempre corréto e elegante.

Empregado no escritorio do illustre advogado e notario Dr. Luiz de Novaes—distinctissimo ornamento do functionalismo portuguez—e, simultaneamente, solicitador de cauzas n'esta comarca, ahi—quér n'um, quér n'outro lugar,—patenteou bem frisantemente as suas brilhantes faculdades de saber e de honestidade.

De vez em quando e para dar expansão ás alegrias do seu espirito, elle ahi nos apparecia na

extincta «Gazeta do Povo», aproveitando e avolumando as mais pequenas coisas e factos com uma graça e sabôr admiraveis, sempre n'um estylo elegante e simples.

Era tambem um brioso bombeiro, muito disciplinado e sinceramente devotado a essa benemerita corporação.

Um dia resolveu abandonar o seu paiz, porque—dizia elle—quem moureja incessantemente como eu e tem a servil-o outras faculdades—é impossivel que, n'um meio, onde o trabalho obtenha uma remuneração mais condigna, não seja tambem mais feliz; alem d'isso, tenho aspirações e não quero suffocal-as a dentro

d'estas quatro paredes onde vivo e onde me sinto muito abaixo do que imagino poder conseguir. Dito e feito, porque J. Soucasau era inabalavel nas suas resoluções; removidas umas difficuldades do momento e, principalmente, assegurada a subsistencia da familia, que o estre-mecia, por quem era dedicadissimo, elle ahi marchou, animada e resolutamente, e, pouco depois de ter chegado ao Rio de Janeiro, escrevia o inditoso Joaquim a um amigo, dizendo-lhe:—

«Podes acreditar que não me lembro d'essa vida trabalhosa e miseravelmente retribuida do fóro. Ha 10 annos, pelo menos, é que eu devia ter sahido d'ahi.

Porém... mais vale tarde do que nunca.

Com fortuna não conto. Viver sem dividas e ter 20 ou 30.000 para gastar quando fôr preciso ha, e, porisso, a minha aspiração está satisfeita.»

Tudo, pois, parecia confraternisar e empenhar-se no sentido de fazer ir longe o pobre Joaquim Soucasau.

Pura illusão!

Poucos mezes passados, cahia elle para sempre, e alguns palmos de terra ficaram guardando o sympathico e querido patricio nosso, terminando, assim, a existencia de um luetador, para quem este meio era demasiadamente pequeno e que, obedecendo mais ás aspirações que lhe germinavam no espirito, do que aos rogos dos amigos—que os tinha e devotadissimos na melhor sociedade—foi victima, talvez, do clima inhospito das terras, onde sonhou exercer mais proveitosa e proficuamente, a sua actividade e o prestigio do seu grande caracter.

«A Lagrima» prestu assim, uma merecidissima homenagem.

\*\*\*



*As festas da inauguração*

(Noticia retardada pelo a diâmetro da publicação da "Lagrima,")

Esta poetica e risonha Barcellos faz-nos lembrar o lavrador minhoto que só está contente quando lhe dão festas.

O mez que ha 10 dias desapareceu na vora-gem insaciavel do tempo foi para a nossa querida patria (sem ser a do «Barcellos por dentro») um verdadeiro e bem cantado soneto, abrindo com chave de prata e fechando com chave de ouro.

O carrilhão teve a sua festa retumbante e altisona, mas a snauguração do Gil Vicente... isso foi muito upa... upa...!!!

E foi, sim senhores!

Ora ouçam:

Quinta-feira;

31 de julho de 1902;

Dia de sol quente;

De madrugada, ao meio dia e á noite o sino do relógio e as torres tocaram festivamente, o que muito agradou ao Daniel por ter ensejo de tornar um fartote de badalos;

A Camara içou a bandeira nacional;

O Quartel idem;

As tropas vestiram grande uniforme;

O Lapuz não pescou lampreias;

Houve grande feira no Campo da mesma;

As repartições estiveram todas fechadas, menos a Recebedoria, porque esta é do *venha a nós*:

Não morreu ninguém no hospital;

Não houve audiência ordinaria;

Publicou-se a «Folha da Manhã»

Na cadeia morreu um varioloso;

A igreja resou por Santo Ignacio de Loyola e a Carta Constitucional só para fazer pirraça ao Santo deu-se o luxo do anniversario da sua outhorga. Estão quasi de *commum accordo*. Pasmoso assombro de fraternidade!

Seccou o leite a uma ama da roda;

O senhor infante D. Alfonso teve a extravagante ideia de fazer annos;

Terminaram as novenas da Senhora do Carmo na igreja dos Terceiros;

A fiscalisação do sello não esqueceu a visita á bilheteira do Theatro;

A filial do Café Viuva Mattos & Filhos fez logo negocio, e a Roriz tambem;

Não houve musica nem foguetes;

E muitos outros artigos de *difficil* enume-ração.

Um grupo de empregados do commercio pede livros para constituir uma bibliotheca.

Acceitam-se, especialmente, compendios de do utrina, de moral e de civilidade.

**Expediente**

«A Lagrima» não se publica desde o dia 27 de julho, isto é, ha cinco semanas.

Varios motivos de força maior nos têm forçado a isto. Entre elles, sobresahe a faina theatral e o extraordinario serviço que ultimamente se tem agglomerado na nossa officina.

Aos nossos assignantes e leitores pedimos desculpa do atrazo.

Na recita do ultimo domingo, quando quasi toda a plateia applaudia calorosamente o magnifico trabalho dos artistas que representaram a «Dor Suprema» salientaram-se dois espectadores, que patearam o drama.

Eram os professores, srs. Domingos Pereira da Silva e Padre Joaquim Miranda; vieram estes cavalheiros pedir-nos para que digamos ao publico que não foi seu intento manifestarem-se desagradados pelo desempenho da peça, que acharam verdadeiramente superior; mas simplesmente protestar contra a moral do drama, que nos apresenta o suicidio como unico recurso para as desgraças e miserias d'este mundo.

Francisco Medros, o Lapuz, declara aos seus numerosos freguezes que na sua fabrica de serragem, situada na margem esquerda do Cavado, vende a pura serradura ou serrim. Garante que não tem mistura de semca pois abomina as mixordias e os mixordeiros.

Como tudo é hoje falsificado, julga dever fazer esta declaração.

Pode ser analysada. Vêr para crêr.

Ha coisas que são coisas e coisas que o não são. Embora a *parabola* se lhes afigure um pouco incomprehensivel, podem crer que é verdadeira.

Exemplo: se um patuseo qualquer disser que tem um tostão no bolso e o tiver, ahí está uma amostra do primeir' caso. Se, porem, elle affirmar que traz 5:000 reis na carteira e não trouxer uma de x, ahí está uma coisa que não é coisa.

O Joaquim Pegas é dos taes que dizem coisas sem ser coisas. Um dia lembrou-se de querer provar ao Pae Pote que a metade de 12 é 7.

—Oh! meu burro, dizia-lhe o outro, tu não vês que 6 e 6 são 12; logo, a metade de 12 é 6.

O Joaquim põe o dedo indicador no centro da testa e com um largo gesto dramatico exclama:

—Ora vamos a ver. Escreva-se ahí 12 em



## A LAGRIMA

letra romana e passe-se-lhe um traço no meio para ficar a metade.

Dito e feito. O Joaquim, victorioso brada então:

—Veja agora se não estão 7.

\*

Ha tempos foi á inspecção. Veio logo com a novidade de que os medicos lhe tinham posto uma toalha *debaixo* das costellas para lhe apalparem os pulmões...

Um grande maganão, emfim, que gosta de dizer coisas sem ser coisas.

O Coutinho vae fazer os versos para um fado, cuja musica pertencerá ao Hylario da nossa terra—que, como todos sabem, é um grande musico.

Eis uma quadra:

Eu primeiro fui caixeiro  
E depois negociante  
Já fui tambem cyclista  
Sou agora servo andante.

### COISAS COM QUE EU EMBIRRO

Com as almofadas que usa no peito uma menina da nossa alta roda.

—Com as polainas do Ferreira, poeta, que usa para a gente não saber que anda sem meias.

—Com a grande barriga do José do Cruz.

—Com a barba cerrada ou serrada, do Arthur Vieira.

—Com zurrapa de pataco.

—Com a barriga, prene de electricidade, do meu namôro.

—Com o raio do genio do Caganito.

—Com os ladrões que, conhecemos, a enriquecer com farinha de barro.

K. Turro.

## Chronica

Palavra, palavrinha, que n'esta vida não vale a pena afflicções.

Não ha quem nos tire d'esta; por mais que esses negregados philosophos pessimistas tomem em dizer que *isto* está tudo perdido, que a corrupção domina as consciencias, que já não ha dignidade nem honra, que tudo caminha para o abysmo a passos agigantados etc. etc. não somos nós quem nos podemos convencer de taes palanfrorios.

... Deixem-se de lerias, meus amigos. Este mundo é um mar de rosas... Pois não vemos nós, senhores, como este nosso povo assiste, com a mais santa das paciencias, ao encantador espectáculo que gratuitamente lhe offerecem os altos figurões d'este paiz! *Elle* são escripturas

falsas, capitalistas compromettidos, roubalheiras escandalosas, fiscaes do sello que são ladrões... o *tutti quanti*, leitor amigo. E o Zé sempre impassivel! E sabem porquê? Porque o falsificaram! Nem mais nem menos. Agora, os habitantes d'este lindo jardim á beira-mar plantado, ja não são aquelles corajosos aventureiros que levaram a bandeira portugueza ás cinco partes do mundo, no meio de louros e victorias. Qual são nem qual carapuça! O povo já não é o mesmo; esses malfadados mixordeiros e falsificadores de todas as castas e feitios, encheram-n'o de tanto barro, de tanto kaolino, de tanto gesso... que o Zé está lá, mas é de gesso.

E' um Zé de *biscuit*, um Zé arte-nova, um bello exemplar de Zé-manequim, apto a moldarse a todas as especies e condições. A questão é pô-lo na fôrma, dar-lhe um geitinho, e prompto! ahi temos nós o Zé passado por todas as modificações desejadas.

\*

E é por causa do raio das falsificações que *isto* anda tudo tórtol! D'aquí a pouco ninguem se entende; ficamos n'uma Babylonia indescritivel.

Pois se nós até estamos em dizer que já os astros estão falsificados! Então como se explica isto? Em março e abril, em plena primavera, fazia um calor de raehar, agora, que estamos em agosto, em puro e legitimo verão, é chuva, vento... o demonio!

Má raios partam a politica!

\*

E sabem os leitores quem tem a culpa de tudo isto? E' o Zé, por não agarrar n'um marmelloiro para correr toda esta eholdra á paucada.

... Mas, é verdade, o Zé está lá... mas é de gesso. H.

### «Barcellos por dentro»

(Graças a Deus e a Noé—o grande amante do rôxo—mereç d'algun arratel de carne subtraído (não por operações arithmeticas, mas por uma actividade insana) á nossa debil compleição, estamos fóra do «Barcellos por dentro»!

Barcellos e seus arredôres—em peso—, nada têm que agradecer a boa vontade que tivemos, de intuitos patrioticos. Não fomos nós que urdimos a peça inaugural do Gil Vicente, foi o café do Moka, que ingerimos em peca e cuja acção physiologica, depois de nos ter actuado no systema nervoso, produziu os seguintes resultados:

—Imaginarmos scenas de noite, para as escrevermos na manhã seguinte, para as passarmos após a *papeis*... affim de á noite os distribuirmos aos diferentes personagens...

Activarmos a scenographia;

Conseguirmos a pintura do theatro;

Montarmos os apparatus da luz;

... O serviço de ventilação;

## A LAGRIMA

Darmos principio á installação da sentina!

\*

Descidos dos ornamentos da lua d'onde chegamos com a ultima reboada de palmas do 3.<sup>o</sup> espectáculo, aqui nos tens, patricio amigo, na typographia Barcelense—que abandonamos desde o 1.<sup>o</sup> de maio a 10 de agosto,—dentro d'uma commoda e hygienica blusa e sobre um calçado de alicerces de amicro, prompto a offerer por modica remuneração, o molesto trabalho da arte de Guttemberg.

\*

Aqui agradecemos aos ensaiadores Domingos José de Faria e Antonio Paiva; ao collaborador musical Domingos Carreira; ao dr. Lima, Arnaldo Braz e Arthur Vieira, auctores do verso; aos contra-regras Augusto Vieira e Antonio Azevedo; aos amadores dramaticos—a todos, pois, o nosso reconhecimento pelo relevo que deram ao «Barcellos por dentro».

Saibam todos que podem ler e ouvir, pelo menos, que o kaolino que era, até aqui, uma substancia destinada na ceramica á feitura de bispotes, penicos, tijelas, etc., foi—por uma questão de alchimia e... roubalheira—applicado á falsificação do molete, do biscoute e da rosca!

O conceito de Barcellos quer para si a honra de ter fornecido o rico minério...

Palme foi a mina d'onde se extraiu o barro que era transformado em massa para o publico e massa para o enriquecimento de muitos piedosos e honrados senhores.

Não bastava estucarem com gesso o estomago do publico,—vieram agora tambem barralo.

O que serve para fazer penicos, servir para fazer pão! Que progresso!

O distincto academico J. convidou o não menos distincto academico G. para jantar em sua casa.

G. acceita. Enveredam para casa de J.; chegados ahí, J. quasi a chorar pede ao seu amigo G. que se vá embora.

G. teima. J. pede. G. torna a teimar.

Por fim, e attendendo que éra sexta-feira, e ainda á fécula paternal—que incidiria sobre o condiscipulo—G. retira-se com uma fome dos diabos!...

J., esse, perdeu o appetite com o susto.

E' o caso do nosso primoroso e saudoso poeta A. M.

«Ella é negra» e um factio comprova-o!

Na ultima quarta-feira presenciamos, atraz da Praça, um caso de verdadeira fôme.

Prendem ali—os sardinheiros—as alimarias que lhes transportam o peixe, do mar.

Nem sempre têm o cuidado de as distanciar nas prisões, e foi porisso que se nos deparou, n'aquelle dia, este quadro, aliás desolador!

Um jumento, de orelhas murchas, olhar amortecido, a comer vorazmente, a palha da albarda do visinho,—reduzindo-a á sua ultima expressão.

«Ella é negra»!

### ALBUM DA «LAGRIMA»

Um coração derretidinho d'amor e cheio de desespero, proprio de «quem espera...» levou uma moçoila febrilmente apaixonada por um ingrato que tanto a esquece—enfim «longe da vista, longe do coração»...—a escrever a seguinte cartinha, a tresandar a cravo, ao seu mais que tudo:—

Meu Antoninho—Levo por este meio a participarte que na quinta-feira passada, o snr. Gomes de Barcellos, mandoume dizer pella minha criada, que tinha falado com meu Pai; a respeito do que tu lhe enconbiste, e não só o sr. Gomes, como meu Pai estão á duas quintas-feiras, atua espera, para te darem reposta, e que tu não appareces, por cujo motivo perbino-te para tu bires na quinta-feira futura abarcellos sem falta, pois meu Pai já disse ao Snr Gomes se tu não davas solução alguma atua palavra: espero que veinhas abarcellos no dia ditto.

Adeos, aceita o Coração Saudozo desta que só vive para ti...

*Sabes quem.*

### THEATRO GIL VICENTE

*Hoje*

Ha grande e variado espectáculo, promovido pela Academia Musical Mocidade Portuense, em beneficio da Associação dos nossos Bombeiros, com a «Morte do Gallo» os «Africanistas» os «Amores do Coronel» e varias symphonias executadas pelo Grupo Musical da Academia.

Promette, enfim, ser uma recita magnifica.

Barcellos em peso cairá hoje por certo na nossa linda sala de espectaculos.

Preços e horas do costume.

Ao Theatro, pois!